ANNO I —Republica dos Estados Unidos do Brasil— NUM. 21

Manuel Felippe Borges
FUNDADOR E PROPRIETARIO

O ARTISTA

Raymundo G. das Neves
PROPRIETARIO E GERENTE

Jornal do Commercio, Lavoira, Industria e dos interesses publicos

B. LEMOS--REDACTOR CHEFE

AUTOGRAPHOS
não se restituem ainda que não publicados

Tiragem 400 exemplares

Redacção, saa de leitura, administração e typographia--rua da Gloria n. 24

Therezina, 25 de julho de 1902

ASSIGNATURAS
começam e terminam em qualquer tempo

Numero avulso 200 réis

KRUGER

O velho luctador de envergadura spartana, agora exilado, sob o peso de poderosas contingencias, vê de longe, do ninho em que se abrigou, a operação da paz que se determinou para sua terra.

E si KRUGER não volta ao seio patrio para gozar dessa paz, é porque ella se não coaduna com os seus grandes sentimentos a respeito da liberdade. Por esta se bateu com esse denodo, com essa intransigencia que o mundo inteiro tem admirado, e agora, que a paz volta com a caracteristica da humilhação para os *boers*, elle, o abnegado guerreiro, se recuza a participar da *graça* que foi concedida pela Inglaterra, preferindo continuar fóra da patria, comtanto que não sinta uma solução de continuidade na purissima nobreza de seu coração.

Por noticias da imprensa sabe-se que o glorioso patriarcha do Transvaal declarou na capital da Hollanda, onde se acha, que não regressará ao seu paiz, emquanto a Inglaterra exercer actos de soberania nelle e no Orange, e mandou retirar da frente do edificio em que reside as bandeiras dessas duas republicas sul-africanas.

Quanta grandeza d'alma, ó KRUGER, revelas neste teu procedimento! é a exclamação que não pudemos reprimir ao ler aquella noticia, como não podemos reprimir agora.

Realmente, não poderia ficar bem áquelle que tanto soube se empenhar nas pelejas, sem encarar o valor do inimigo, sem encarar os seus setenta e tantos annos, para restaurar a liberdade da patria adorada, ter á porta o symbolo dessa patria quando ella já não é mais sinão uma prolongação do dominio britannico.

Si hontem esse symbolo fazia no espirito de KRUGER o fogo do Amor e do Patriotismo, hoje, por certo, esse mesmo symbolo só póde servir para arrancar-lhe lagrymas ao coração immenso e nobre.

KRUGER, vivendo com o seu povo a vida calma e venturosa dos que se satisfazem com a fortuna que possuem, não suppunha que um dia viesse alvejal-o a desgraça, que ainda continúa a exercer sobre o legendario levantino a brutalidade de seus maleficos instinctos.

Não suppunha, e tudo alli corria sob um regimen patriarchal, e aquella gente adorava ao velhinho ao ponto de leval o quatro vezes seguidas ao supremo posto do governo.

De repente, porém, soprou o vento do infortunio. Aquella patria que progredia por entre as scintillações de seu oiro nas minas foi invadida pelos arautos da ambição; KRUGER, depois de sustentar com superior tino uma lucta formidavel, foi refugiar-se na Hollanda, tendo a saúde compromettida; e lá, no exilio, recebeu de seu neto ELOFF a nova cruciante de que a sua esposa, a sua sancta companheira, que tantas vezes lhe illuminara a estrada da vida, era morta!

Depois, veiu esse paz que tanto o incommóda.

Deve doer a alma do luctador, quando lhe chegam noticias de que os *boers* estão entregando as armas. Entregar armas, nunca, nem mesmo em sonhos, passou pela idéa de KRUGER.

Quem, como elle, com um tão grande fardo de janeiros aos hombros, tomava parte no campo das batalhas, encorajando seus soldados, cheio de carinho e sempre disposto, por certo tem o mais completo de todos os horrores ao papel de vencido.

Não se póde allegar que o immortal do seculo XIX seja inimigo da paz; porque a perturbaram é que elle se batia.

O que KRUGER sempre almejou e almeja ainda é a independencia de sua terra; e d'ahi a sua justissima revólta contra a pacificação ha pouco operada, em que nada se lhe consultou e em que os brios daquelle povo ficam perfeitamente mareados ante condições humilhantes.

E porque deixou de ser ouvido no tractado de paz o velho ex-presidente?

Simplesmente porque a sua negação seria absoluta ás condições que foram impostas e que se acham vigorando.

A ambição cega; e nesse labutar da guerra, em que o sangue banhou tantas vezes o sólo transvaaliano, a cegueira foi a mais completa, porque se esqueceram os sentimentos de humanidade de todas as ordens para dar em resultado o rebaixamento moral e material de tantos seres da especie, que viviam tranquillamente, sem egoismo de oiro nem de expansão territorial, por entre a placidez de seus campos e o scintillar de suas minas. E, mais que tudo isso, o que deve calar mais fundo no espirito universal é a separação de PAULO KRUGER do seio adorado de sua patria, onde elle, pela quarta vez, era o supremo chefe, bom e querido, sempre derramando a harmonia e fazendo o progresso fructificar.

Por isso é que hoje, em vez de sentir o fogo do Amor e do Patriotismo, sente vergnha o velho patriarcha, quando vê o pavilhão de sua patria.

B. Lemos.

21 DE JULHO
MEIO CENTENARIO
Therezina em festa
MOÇOS PATRIOTAS
Commemoração solenne

O QUE HOUVE

A dacta da creação da cidade de Therezina dormia esquecida nos documentos dos archivos.

Era precizo que a alma dos moços que têm o coração grande, transbordante de patriotismo, viesse trazel-a a publico para ser coberta de flores e ficar conhecida dos habitantes desta terra.

O feito grandioso do Conselheiro José Antonio Saraiva, presidente do Piauhy em 1852, teve uma commemoração esplendida, póde dizer-se, no dia 21 do corrente.

Si ella não se revestiu das grandes luxuosidades das festas principescas, teve, mais do que isso, o enthusiasmo do povo therezinense, que fôra despertado pelo sentimento patriotico, alliado á melhor das actividades, de tres moços piauhyenses--João Pinheiro, Antonino Freire e Abdias Neves, que por esse motivo devem merecer as glorificações da publica benemerencia.

Já podemos dizer que não mais seremos aquelle povo atufado no marasmo de uma burguezia mal concebida, e sim um povo caminheiro da estrada dos idéaes modernos, porque temos o espirito da mocidade em franca effervescencia pelas conquistas que a civilização garante á humanidade.

O acontecimento do dia 21 do corrente calou agradavelmente no espirito de todas as camadas sociaes, e isso é uma prôva cabal de que o povo deste torrão abençoado sente correr em suas veias o sangue do patriotismo e o sangue do progresso.

A dacta da fundação de Therezina não seria commemorada, nem mesmo lembrada, si não fôra a iniciativa desses tres moços que tão alto subiram agora na consideração de seus patricios.

Não houve verdadeiramente pompa nos festejos do meio centenario da fundação de Therezina, mas o que se fez, coberto com o prazer que a população experimentou, deu uma nota superior nos fastos das nossas festas publicas.

A cidade despertou logo ao romper

A madrugada

A musica da policia fez um gyro pela cidade, ao som de harmoniosas peças, emquanto estalavam no ar muitos foguetes.

Quando o dia amanheceu, quem passava pela praça Deodoro via em principios de preparativos

O edificio da Assembléa

Era ahi que devia realizar-se á noite, a conferencia do Dr Clodoaldo Freitas, orador official.

Durante todo o dia, numa actividade sem treguas, lá estiveram os tres promotores dos festejos, com alguns auxiliares, tractando de decorar o bonito edificio.

A' frente foram postas duas ordens de patyz, com arcos de palmeiras formando sympathica avenida. Havia tambem muitas bandeirolas.

Dentro, a ornamentação era singela, mas, a propria qualidade do edificio, reformado ha pouco tempo, bastava para dar um caracter alegre, como deu, á imponente reunião.

De espaço em espaço soltavam-se foguetes.

Ao meio dia prestou-se uma homenagem ao

Conselho Municipal

A musica policial tocou ahi esplendidas peças, subindo ao ar muitos foguetes.

A intendencia não foi surda aos festejos, pois contribuiu com 25$000.

Correu o resto do dia, com aspecto sempre alegre.

A' tarde funccionou pela primeira vez

O coreto

Ahi esteve a musica, executando brilhantemente, até que chegou a noite, quando, ás 7 horas, teria começo

A conferencia

A' frente do edificio da Camara Legislativa scintillavam por entre os patyz, em differentes alturas, os balõesinhos venezianos e chinezes e na fachada do edificio estendia-se hua linha crystallina de lanternas de vidro.

Subiram foguetes em profuzão e a banda de musica fez-se ouvir algumas vezes.

Mais de 500 pessoas inclusive senhoras enchiam o vasto recinto e a galeria, onde se derramava regularmente a luz de 3 belgas.

Na sala contigua e na varanda havia tambem muito povo.

A' frente do edificio via-se ainda uma enorme quantidade de espectadores.

Com a entrada do Governador do estado, a quem foi designada a presidencia da sessão, tocou-se o Hymno Republicano.

A' mesa, que se achava coberta de seda, tomou assento S. Ex.ª, tendo á direita o Intendente Municipal e á esquerda o conferencionista Dr. Clodoaldo Freitas.

Foi então aberta a sessão por S. Ex.ª,

O Dr. Clodoaldo passou a ler *ex cathedra*, o seu luminoso trabalho, escripto em volumoso caderno.

A obra do conferencionista é de

largo folego e faz pena não ter sido impressa e distribuida, para melhor ser apreciada. Essa falta, porém, esperamos que será sanada, por isso que o Dr Clodoaldo ha de procurar dar o seu bem trabalhado serviço historico á publicidade da imprensa. E depois, por occasião da leitura, muitas pessoas não puderam ouvir coisa alguma devido ao grande acumulo de povo.

O illustre homem de letras terminou a sua conferencia por entre uma basta salva de palmas seguida de musica e estalido de foguetes.

Em seguida começou-se a destribuição de um bem organizado folheto, preparado em nossas officinas e dirigido por João Pinheiro, Antonino Freire, Miguel Rosa e Abdias Neves.

Esse folheto contém o seguinte summario:

Protoplasma. Diagnose Historica. —Descripção da cidade. Edificios principaes.—Tradicionario—Imprensa. —Administração da cidade. Commercio e Industria. Instrucção. —Prognose.

A distribuição não póde continuar naquella occasião, visto se ter verificado que o numero dos presentes era talvez o quadruplo dos exemplares e quererem algumas pessoas possuir mais de um. Deixou-se, portanto, para ser feita a distribuição posteriormente.

Subiu á tribuna o intelligente director do *Republica* Manuel Lopes e leu alguns bellissimos alexandrinos analogos ao acto.

Falou em seguida Abdias Neves, consubstanciando o talento na exhibição adamantina e fremente de soberbas imagens. Agradeceu, terminando, em seu nome e no de seus companheiros na promoção daquella festa, o concurso dos que ali se achavam.

Este, como o anterior, findou a palavra por entre palmas, foguetes e musica.

Ninguem mais querendo uzar da palavra, S. Ex.ª o Governador encerrou a sessão, deixando a mesa.

Começou então um outro acto, que muito concorreu para o brilhantismo da festa.

Esse acto foi a installação de uma

Sociedade literaria

Assumindo a presidencia da mesa o dr. Abdias Neves, escolhido pelos auctores da idéa para ser o mestre da associação, declarou elle aberta a sessão. Secretariavam-o os nossos collegas d'*A Penna* Mario Baptista e Daniel Paz.

Falou em seguida Mario Baptista, expondo os fins da nova associação, que tomou o nome de «Officina literaria José Coriolano», em homenagem ao grande poeta piauhyense José Coriolano de Souza Lima.

Seguiu-se ao joven orador o venerando Desembargador José Furtado de Mendonça, que pronunciou effusiva allocução, saudando os moços auctores daquella idea nobilitante.

Uzaram ainda da palavra:

O nosso director B. Lemos, que tambem saudou os moços como o emblema dos grandes idéaes, e o Dr. Hygino Cunha, que fez brilhante saudação em igual sentido.

A todos os oradores seguia-se uma salva de palmas, emquanto se fazia ouvir a musica policial.

Não havendo mais quem quizesse tomar a palavra, o presidente Dr. Abdias Neves encerrou a sessão.

Com a creação da «Officina literaria José Coriolano», *A Penna* deixará de ser um jornal quinzenal, passando a ser uma revista mensal de 8 paginas.

Concluida a parte literaria dos festejos commemorativos da fundação de Therezina, teve começo

O baile

Fôra elle promovido pelos organizadores da «Officina», que são os mesmos da redacção d'*A Penna*.

Iniciaram-se as danças com a mimosa valsa *Mar de dúvidas*, de Daniel Paz. Tocava na galeria uma grande orchestra da musica policial.

As danças duraram até a meia-noite, animadas sempre.

O serviço do *buffet* correu regularmente.

Ficaram assim terminadas as festas com que tão patriotica e brilhantemente foi solemnizada a creação da capital piauhyense.

Notas avulsas

Quasi todos os edificios publicos estiveram de pavilhão içado durante o dia. Todos estiveram fechados, illuminando á noite quasi todos.

—

Alguns collegios deram feriado em suas aulas.

—

Muitas casas particulares tambem illuminaram á noite.

—

As festas organizadas pelos tres membros da commissão promotora —Drs. Antonino Freire e Abdias Neves e João Pinheiro, foram feitas mediante subscripção, que importou em cento e tantos mil réis.

—

A mesma commissão dirigiu cartas ás familias, convidando-as para assistirem a conferencia.

ARACY MORTA

A manhã de 17 deste mez corria clara e fresca. Era um mixto de luz, luz radiosa, e vento, vento vertiginoso e constante, que copiava por sobre os telhados da cidade.

ARACY, o terno anjinho que apenas havia um anno, oito mezes e 5 dias povoava de alegrias o lar de seus pais com a candidez de sua infancia e o oiro de seus cabellos, ella, a mimosa ARACY, primeiro fructo de amor do nosso querido amigo Dr. Miguel Rosa e de sua virtuosa consorte d. Adelaide Rosa, gozava tambem, por entre os bonançosos descuidos de sua idade, o frescor e a luz dessa manhã.

Por sobre aquelle entezinho que incarnava em si a Innocencia e a Formosura, a Docilidade e o Amor ninguem pensaria que viesse, traiçoeira e cruel, recahir a Mão do Destino.

Inesperadamente, porém, de 9 para 10 horas daquella manhã luminosa, ARACY, achando-se a passeio em casa de visinhos que muito a estimavam, foi accommettida de uma ligeira syncope, sendo em acto continuo transportada carinhosamente ao seu lar.

O emprego prompto de recuesos medicos não permittiram então um desfecho fatal. ARACY conservou-se em estado calmo até ás 3 horas da tarde, quando, presa de convulsões, teve de voar do ninho materno para o Ninho do Paraiso, ruflando as azas de neuphares por entre chuvas de lagrymas e alleluias de soluços da mãi e dos parentes que a adoravam.

E nesse desenlace potrocinado pelos espinhos da Dor, foi para ferir mais os corações dos que sabiam do acontecimento o caso de achar-se fóra da cidade o pai da innocentinha.

Diz o povo superstizioso que as creanças que gostam de flores não prosseguem na existencia, succumbindo aos primeiros annos.

Com a morte de ARACY essa superstição póde obter um attestado. ARACY pertencia ao numero daquellas creanças e sempre que lhe chegava á casa algum amigo de seu papá, vinha ella, a pequenita, offerecer-lhe uma flor.

ARACY era o enlevo de seus progenitores sob um caracter triplice: por ser filha, dor ser primogenita, por ser graciosa.

Agora, aquelle lar é um vacuo: nem mais aquella cabecinha loira a movimentar-se aqui e ali, nem mais aquella fala embryonaria...

Consolae-vos no emtanto, ó pais amargurados, pois que a vossa ARACY não era para esta pocira terrena.

Miguel Rosa, que casualmente regressava de seu passeio no dia do triste acontecimento, chegou ás 8 horas da noite, e só então, ao apear-se, é que soube da perda que soffrera.

Quando o visitámos, ás 9 horas, elle nos disse, com a alma dilacerada: «E' muito grande o vacuo!»

—O coronel João Rosa, avô de ARACY, achando-se na «Lagôa da matta», foi avizado á noite e veiu assistir o enterramento do anjinho.

—O acompanhamento, que se realizou na manhã de 18, foi muito numeroso.

—Ao baixar o ataúde azul em que repoisava ARACY, Totó Rodrigues e João da Cruz Monteiro leram os dois ultimos sonetos que damos adiante.

—A musica da policia, que acompanhava ao prestito, tocou em primeiro logar a walsa *Rosa de Madrid*, a pedido do Miguel Rosa, por ser a que fora tocada por occasião de seu consorcio.

Aracy morta

(Aos seus paes)

Poreja coração, sangra dorido,
Aqui fatal scenario te offerece
O lar que vês agora e te enlanguece
Cruéis a dor e o pranto hão pervertido.

Chorando a terna Mãe tem bi-partido
Seu langue coração que a dor negrece;
Ali o doce Jesus, reza uma prece
Tambem com todos nós. Branco, inanido.

No rendilhado ósseo que lhe enfeita
O corpinho infantil—Graça-desfeita.
Descança. E neste lance de afflicção

As flores das campinas se descoram,
Choram estrellas, nebulosos choram,
—A pequenina Morta no caixão.

17—VII—902.

TÓTÓ RODRIGUES.

ARACY MORTA

«O seu labio tristissimo sorria
Como n'um sonho virginal desfeito.»

FELIÓ.

«Em cada olhar sem luz um sol sem vida.»

LUIZ DELFINO.

Aquella pobre flor, meiga e formosa
De olhos de neite e labios de alvorada,
De uns sorrisos de santa Immaculada,
De uns olhares de luz negra e radiosa,

Morreu qual morre desfolhada a rosa!
E! sem vida, entre setins deitada,
O labio mudo, o olhar sem luz, sem nada
Que lembre a sua vida esplendorosa!

Pobre Aracy! Tão cédo arrebatada
Ao palacio da morte, na estrellada
Cohorte de Anjos, seus amigos, seus!

Adeus, flor de neve! Estrella, desfallece!
A voz me falta... o verso desparece!
Adeus, pobre Aracy! Adeus! Adeus!

Therezina, 17 de Julho de 1902.

CRUZ MONTEIRO.

Album de flores

—« Anniversariou-se no dia 21 o laborioso e estimavel negociante de Therezina, João Jesso de Souza.

—« No dia 22 anniversariou-se tambem o esforçado fundador desta folha Manoel Borges, cuja actividade no mundo da Arte ficou patente entre nós, onde se exercitou por alguns mezes.

—« Hontem fez annos o sr. Virgilio Soares, um dos nossos espiritos emprehendedores.

—« Consorciaram-se civilmente, na tarde de 21, o fundador desta folha Manuel Borges e a gentil senhorita Antonia Augusta de Souza. Serviram de testemunhas por parte do noivo o director d'O Artista e o sr. Raymundo Campos, proprietario da «Barbearia Elegante».

Anhelamos ao joven casal uma aurora infinita de felicidades.

PRO LABORE

VI

Glorificação do trabalho

São de Emilio Zola as palavras que se seguem, pronunciadas pelo scientista Jordan e pelo cammunista Lucas no *Travail*, ultima obra do celebre escriptor francez.

(Traducção de H. C.)

«—O trabalho, ah! o trabalho, eu lhe devo o ter vivido Bem vêdes quão debil e pobre entezinho sou eu. Lembro-me de que minha mãe devia me envolver em cobertores nos dias de grandes ventos; e foi, comtudo, ella quem me applicou ao trabalho, como a um regimen certo de bôa saúde. Ella não me condemnava a estudos esmagadores, verdadeiras prisões onde se torturam as intelligencias em formação. Mas dava-me o habito de um labor regular, variado e attrahente. E foi assim que aprendi a trabalhar, como se aprende a respirar, a andar. O trabalho tornou-se a funcção do meu ser, o jogo natural e necessario de meus membros e de meus orgams, o fim e o meio de minha vida. Tenho vivido porque tenho trabalhado, fez-se um equilibro entre o mundo e mim, restituia-lhe em obras o que elle me trazia em sensações, e creio que nisto está o segredo de toda a saúde, permutas bem reguladas, uma adaptação perfeita do organismo ao meio...

E, mesmo franzino como sou terei de viver muitos annos, muito velho, estou certo, desde que sou uma pequena maquina montada com cuidado e funccionando logicamente.

Mas isto não é sinão a saúde dos seres, uma bôa hygiene para bem viver. O trabalho é a vida que é um continuo trabalhar das forças chimicas e mecanicas. Desde o primeiro atomo que se póz em movimento para se unir aos atomos vizinhos, a grande faina creadora nunca mais cessou, e essa creação que continuará sempre, é como a tarefa mesma da eternidade, a obra universal, a que nós todos vimos trazer a nossa pedra. O universo não é sinão uma immensa officina, onde não se descança nunca, onde os infinitamente pequenos fazem cada dia um labor gigante, onde a materia age, fabrica, produz sem treguas, desde os simples fermentos até as creaturas mais perfeitas.

Trabalham os campos que se cobrem de messes, trabalham as florestas em seu demorado brotamento, trabalham os rios fluindo ao longo dos valles, trabalham os mares rolando as suas ondas de um para outro continente, trabalham os mundos arreba-

tados pelo rythmo da gravitação atravéz do infinito. Não ha um ser, nem mesmo uma coisa que se possa immobilizar na ociosidade, tudo se acha arrastado, posto á obra, forçado a fazer a sua parte na labuta commum. Quem não trabalha, desapparece, por isso mesmo, é regeitado como inutil e incommodo, deve ceder o lugar ao trabalhador necessario, indispensavel. Tal é a unica lei da vida, que não é em summa sinão a materia em trabalho, uma força em perpetua actividade, o deus de todas as religiões, para a obra final da felicidade, para a qual todos nós tendemos imperiosamente.

E que admiravel regulador é o trabalho! Que ordem elle estabelece por toda parte onde reina! E' a paz e a alegria, como é a saúde. Fico perplexo, quando o vejo desprezado, envilecido, considerado como um castigo e uma vergonha. Si elle me salvou de uma morte certa, deu-me ainda tudo que eu tenho de bom em mim, refez-me uma intelligencia e uma nobreza. E que admiravel organizador, como regula as faculdades da intelligencia, o papel de cada grupo em uma multidão de trabalhadores! Elle seria por si só uma constituição politica, uma policia humana, uma razão de ser social. Nós não nascemos sinão para a colmeia, não trazemos cada um senão nosso esforço de um instante, não podemos explicar a necessidade de nossa vida sinão pela necessidade que tem a natureza de um operario de mais para fazer a sua obra. Qualquer outra explicação é orgulhosa e falsa. Nossas vidas individuaes parecem sacrificadas á vida universal dos mundos futuros. Não ha felicidade possivel si nós não a collocamos na felicidade solidaria do eterno labor commum. E é por isso que eu quizera que fosse emfim fundada a religião do trabalho, a hosanna ao trabalho salvador, a verdade unica, a saúde, a alegria, a paz soberana.

Vejamos: o que não se póde negar é que a evolução que si precipita hoje partiu de longe, é que nosso seculo inteiro foi um engendramento laborioso da sociedade nova, a que vai nascer amanhã. O povo dos trabalhadores, desde cem annos, nasce cada dia um pouco mais apto para a vida social, e será amanhã senhor do seu destino, por esta lei scientifica que assegura a existencia ao mais forte, ao mais são, ao mais digno de ser...

Nós assistimos á ultima lucta entre alguns privilegiados, que roubaram a riqueza, e a immensa multidão operaria que quer reentrar na posse dos bens de que foi esbulhada ha seculos. A historia não nos conta outra coisa, ensinando-nos como alguns se apoderaram da maior somma de felicidade possivel, em detrimento de todos, e como todos os miseraveis roubados não têm cessado, desde então, de luctar furiosamente, pela necessidade vital de reconquistar o que elles poderiam ter de felicidade... Ha já cincoenta annos que esta lucta se torna agudissima, e eis porque os privilegiados, tomados de medos, vão abandonando aos poucos alguns dos seus antigos privilegios. Os tempos se approximam, e isto sente-se em todas as concessões que os possuidores do solo e da riqueza vão fazendo ao povo. Sobre o terreno politico já muito lhe concederam, e serão forçados a lhe dar muito sobre o terreno economico. Leis novas em favor dos trabalhadores, medidas humanitarias, triumphos das associações e dos syndicatos anunciam a era proxima. A batalha entre o trabalho e o capital está nesta crise aguda, que póde desde já, fazer predizer a derrota deste ultimo. Em um breve tempo teremos o desapparecimento do salariado.

Ahi está porque estou convencido de vencer, promovendo outra coisa, que substituirá o salariado, essa reorganização do trabalho que nos dará uma sociedade mais justa, uma civilização mais alta.

.....

A historia consgna o roubo dos mais fortes desde os primeiros dias do mundo, as multidões miseraveis reduzidas á escravidão, os possuidores accumulando os crimes para nada restituirem aos desherdados da fortuna, que morriam de fome e de violencia. E esse montão de riqueza, augmentado pelo tempo, mostra-se nas mãos de alguns ainda hoje, os dominios dos campos, as casas das cidades as usinas das cidades operarias, as minas, onde jazem a hulha e os metaes, as explorações de transporte, rodagem, canaes, caminhos de ferro, emfim, o oiro e o dinheiro, os milhões que circulam nos bancos, todos os bens da terra, tudo o que constitue a inculcalavel fortuna dos homens. E não será uma abominação que tantas riquezas não vão ter sinão á medonha indigencia do maior numero? Uma tal iniquidade, de um lado, a ociosidade regorgitante de bens, do outro o doloroso trabalho agonizante de miseria, fizeram do homem um lobo para o homem. Em vez de se unirem para vencer e domesticar as forças da natureza, os homens se entre-desvoram, o barbaro pacto social os lança ao odio, ao erro, á loucura, abandonando a criança e o ancião, esmagando a mulher, besta de carga ou carne de prazer. Os trabalhadores mesmos, corrompidos pelo exemplo, acceitavam a servidão, com a cabeça baixa sob a cobardia universal. E que espantosa delapidação da fortuna humana, as sommas colossaes que se dispendem para a guerra, todo o dinheiro que se dá aos funccionarios inuteis, aos juizes, aos policias. E todo o dinheiro, além disso, que fica sem necessidade nas mãos dos negociantes, intermediarios parazitas, cujos lucros são retirados do bem estar dos consumidores. Mas isto não é sinão o curso quotidiano de uma sociedade illogica, mal organizada; ha tambem o crime, a fome procurada, imposta pelos proprietarios dos instrumentos do trabalho, para salvaguardar os seus provetios. Elles reduzem a producção de uma usina, impõem dias de folga, fazem a miseria, com um intuito de guerra economica, afim de manter os altos preços. E ha quem se espante, se a machina estala, si se esborôa debaixo de tamanho cumulo de soffrimento, de injustiça, e de vergonha.

Não, não! Basta de iniquidade. Isto não póde durar, sem que a humanidade desappareça em uma derradeira crise de demencia. O pacto deve ser refeito; cada homem, que nasce, tem direito á vida, e a terra é a fortuna commum de todos.

E' preciso que os instrumentos do trabalho sejam entregues a todos, é preciso que cada um desempenhe a sua parte pessoal na faina de todos... Si a historia, com seus odios, suas guerras, seus crimes, não tem sido até aqui sinão o resultado abominavel do roubo inicial, da tyrannia de alguns ladrões que tiveram a necessidade de impellir os homens a se estrangularem, de instituir tribunaes e prisões, para defesa das suas rapinas, então é já tempo de recomeçar a historia e de pôr no começo da éra nova um grande acto de equidade—as riquezas da terra restituidas a todos os homens, o trabalho erigido em lei para a sociedade humana, como o é para o universo, afim de que a paz se faça entre nós e a fraternidade feliz reine emfim... Para isso trabalharei e tenho fé de triumphar.»

Manuel Borges

Seguio no *Paranaguá* para a Parnahyba, no dia 21 do corrente, esse aguerrido luctador da Arte e valoroso fundador d'O ARTISTA.

Vai dirigir uma officina typographica naquella cidade, onde a sua competencia artistica ha de ficar francamente revelada.

Foi acompanhado de sua joven esposa d. Antonia Augusta Borges.

Que alcance em paz o porto a que se dirige e tenha bom exito na sua commissão—eis o que lhe desejamos.

—Tambem o acompanhou o seu pequeno cunhado José Augusto de Souza.

O POLKA

Sobre esse homem, que viveu entre nós por algum tempo e de quem existem passagens interessantes daremos brevemente uma narrativa historica, organizada por B. Lemos.

A colonia maranhense

Reuniram-se hontem, á noite, em casa do negociante cap.m Pedro Bezerra, diversos membros da colonia maranhense residente nesta capital, para tractar da confraternização da mesma colonia.

Presidiu a sessão, na falta do desembargador Colin, o coronel Farias.

Falaram os Drs. Hygino Cunha e Pires de Castro e Satyro Pinto e Antonio Rodrigues, concitando a colonia a commemorar o dia 28 deste mez, que è o da independencia do Maranhão.

Foi resolvido fazer-se uma reunião solenne da colonia, á noite desse dia, no «4 de setembro» e organizar-se a mesma colonia em sociedade regular.

Foram eleitas duas commissões—uma para organizar os estatutos e outra para os festejos.

IMPRENSA

Temos ainda sobre a nossa banca de trabalhos os seguintes apreciaveis collegas:

Aurora Social, que é um bem preparado orgam do operariado, que se publica no Recife;

A Juventude, periodico literario e noticioso, dirigido por L. Doirado, e publicado na cidade da Parnahyba, tendo-se apresentado com um brilhante programma, todo filigranado de patriotismo;

Um-dois-tres, periodico trocista e alegre, que vê a luz em S. João d'El-Rei, de Minas Geraes;

O Fanal, literario e noticioso, do Codó, Maranhão;

A Cidade, agradavel folha bi-semanal, que e publica em Sobral Ceará, sob a direcção de Alvaro Ottoni, uma penna bem aparada.

Despedidas

Manuel Borges e sua esposa Antonia Augusta Borges, seguindo nesta data para a cidade da Parnahyba, onde vão residir, apresentam ás pessoas de sua amizade intima as suas despedidas, visto não o terem podido fazer pessoalmente, attenta a presteza da viagem.

Naquella cidade estarão ás ordens dessas mesmas pessoas.

Therezina, 21 de julho de 1902.

SONETO

Ia a manhã nascendo e elle morria...
Através de cortina a viva Aurora
Resplandecia alegre e tentadora:
Elle acabava, e começava o dia.

Na sua face pallida tremia
A matutina luz que a vida enflora;
E Deus me deu as lagrimas na hora,
Hora em que a planta, ebria de orvalho, ria,

Louco de angustia, duvidando ainda,
Gritei-lhe o nome, ergui-lhe a fronte linda
Beijei-lhe a rôxa bocca inanimada...

E amarguras sobre aquelle corpo algente
Eu soluçava desvairadamente,
Riam as aves, ria a madrugada.

LUIZ GUIMARÃES.

Francisco Corrêa

Já se acha na Parnahyba, desde o dia 13 do corrente, segundo telegramma que nos foi dirigido por Delbão Rodrigues e João Silva, o nosso estimado collega do *Nortista* e activo deputado estadual Francisco de Moraes Corrêa.

O importante moço foi ali recebido com imponentes manifestações de apreço, em q' tomou parte grande numero de amigos seus.

VARIAS

Em S. Braz, povoado pertencente ao Grajahú, do Maranhão, um pobre pai de familia pagou com um dos mais queridos de seus filhos uma divida que tinha para com deshumano negociante, que com isso ficou muito satisfeito.

—Já deve ter sido operado de cataratas, em Amiens, o celeberrimo escriptor Julio Verne.

—Consta que a 15 de novembro o presidente da Republica perdoará o resto da penna de Deocleciano Martyr.

—Com a visita do bispo d. Xisto a S. José dos Mattões, deixou o protestantismo, a que abraçara, a exm.ª sr.ª d. Rosalia da Silveira, residente naquelle municipio e sogra do capitão José de Lemos, de Caxias.

—O bispo do Maranhão propôz uma acção á Irmandade da Conceição, da capital daquelle estado.

—Acha-se em estado magnifico o cultivo da vinha em Jatahy, Minas Geraes.

—Um norte-americano acaba de inventar uma machina para copiar musica.

Sua apparencía exterior é a de uma machina de escrever, sendo, porém, o seu mechanismo interior muito mais complicado.

O novo apparelho póde ser manejado por qualquer pessoa, ainda mesmo sem conhecimento algum musical.

—O rei Affonso XIII da Hespanha, após sua coroação, ao assistir o desfilar das tropas que tinham sido passadas em revista, teve uma hemorragia nazal, occasionada pelo calor intenso que fazia.

—Telegramma de La Paz, da Bolivia, annuncia que rebentou uma erupção volcanica no extremo norte do territorio de Grão-Chaco, a qual destruiu duas aldeias e continúa ainda.

E' a epocha dos volcões.

—O sr. Murtinho, ministro da fazenda, mandou que sejam recolhidos todos os nickeis velhos.

—Em Napoles, na cathedral, quando se celebrava o santo sacrificio da missa, penetrou um moço perseguindo um homem de meia idade, que correu até ao altar pedindo soccorro.

O moço alcançou-o ali, apunhalando-o até deixal-o morto.

Os fiéis, aterrorizados, sahiram do templo, que será novamente bento pelo arcebispo.

Foi preso o criminoso.

INEDITORIAES

Gemidos

Minh'alma outr'ora em doce calmaria
Nos gosos infantis embevecida,
Encerrava o primor de tanta vida
Envolta em sonhos de oiro e de poesia.

Chegou depois a idade fementida,
Das illusões, do amor, da phantasia,
Em que meu peito ardentemente ungia
De paixão a deidade preferida!

Hoje que o riso e o fogo dos amores
Se fazem desengano e dissabores,
Meu coração é um triste mausoléo.

Espero a cada instante a hora final
Em que minh'alma ao dobre d'um signal
Esvoace lentamente para o céo!...

(Altos) B. PESTANA.

EU DIREI...

Os teus olhos menina
São dois astros sem par,
Que em noite purpurina
Distante vejo vagar.

E em tuas faces mui bellas
Vejo risonho semblante
Brilhando como as estrellas
No seu lar e bem constante...

Eu direi sempre risonho,
Que és a menina bella
Que ainda mesmo no sonho
Vejo-te pura e singela!...

Séneca Souza

GARANTIA MUTUA

Previno aos srs. Socios desta Sociedade que se preparem para o pagamento dos peculios dos Socios fallecidos Lazaro Rodrignes de Souza e Clarinda Lopes de Carvalho, cujo prazo findar-se-á no dia 10 do mez de Agosto vindouro.

E declaro que de hora em diante não pago mais por pessôa alguma em nenhuma das Sociedades de que sou cobrador pois não quero intrigar-me com os meus consocios.

Th.—12—7—902.

Antonio Paiva.

Pharmacia Celestino

Acaba de receber este estabelecimento grande variedade de medicamentos e preparados pharmaceuticos, nacionaes e estrangeiros, como sejão:

Capsulas de encalyptol iodoformo-creosotado, de Cognet; capsulas de oleo de figado de bacalhau creosotado de Fournier; capsulas de apiol, Joret; capsulas de taurina; capsulas de bromureto de camphora, de Clin; capsulas de sandalo, de Bretonneau, cascarina glycerinada, de Orlando Rangel (especifico contra a prisão de ventre habitual); Elixir Grez, (de quina, coca e pepsina; elixir enpeptico de Tisy (de pepsina, pancreatina e diastase); licor Laprade (de albuminato de ferro); pilulas anti-dyspepticas de Hínzelmann; pilulas rosadas; pilulas de Rheuter; quina Laroche; rhum creosotado; solucção de phosphato de cal de Coirre; solução Pautauber-gel de phosphato de cal creosotado); vinho de Duzart (de lacto phosphato de cal); vinho de Belline (de quina e calumba); vinho Aroud (de carne e quina); vinho iodotannico-phosphatado de Silva Araujo; vinho Chevrier (de extracto de figado de bacalhau creosotado;) xarope de jatahy; xarope de Gibert, francez; xarope de Easton e muitos outros preparados.

PREÇO SEM COMPETENCIA